



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE

Livros e Capítulos de Livros - MAE

2014

Patrimônio, museus e arqueologia

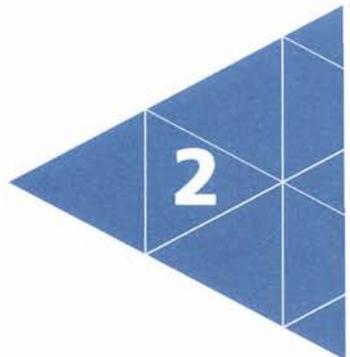
<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/47543>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo



*Maleta para empréstimo da
Maquete das Casas Subterrâneas.
São Paulo, SP. 2014.
Foto: Ader Gotardo (Acervo MAE-USP)*

PATRIMÔNIO, MUSEUS E ARQUEOLOGIA



Camilo de Mello Vasconcellos



Nos últimos 20 anos assistimos a um intenso debate acerca do conceito e das práticas relativas ao patrimônio em distintos campos do saber: na história, nas artes, na arqueologia, na sociologia, na educação e na museologia.

Ao mesmo tempo esse tema também assume importância por parte das autoridades governamentais e, ou, da iniciativa privada que implementam políticas públicas dirigidas para o tema do patrimônio cultural com diferentes perspectivas, inclusive aquelas relativas à exploração dos bens culturais numa perspectiva mercadológica.

Hoje ouvimos falar o tempo todo de diferentes categorias de patrimônio, como, por exemplo, patrimônio histórico, arqueológico, etnográfico, artístico, ecológico, científico, universal, nacional, tangível e intangível, genético, etc. É verdade que todas essas categorias são culturais, pois expressam valores coletivos, porém, considero que devemos iniciar pela conceituação do que entendo por patrimônio para posteriormente estabelecer os vínculos existentes entre esse campo de reflexão e ação com os museus e a arqueologia.

Patrimônio como categoria de pensamento está presente em diferentes culturas. Relacionado à noção de propriedade herdada, compreende tudo aquilo que recebemos dos nossos pais e, por isso, o patrimônio nos constitui, o que explica, em parte, o interesse por ele. De origem latina, *patrimonium*, se referia entre os antigos romanos a tudo o que pertencia ao pai, ao *pater familias*, pai de família. Esse conceito surgiu no âmbito do direito de propriedade



privada e esteve vinculado aos interesses aristocráticos da elite dirigente da Roma Antiga.

A partir da expansão do cristianismo e do predomínio da igreja especialmente na Idade Média, surgiu também o caráter religioso do patrimônio. Mesmo mantendo-se como categoria aristocrática, elevou-se à categoria de valores sociais compartilhados aos sentimentos religiosos, com a intenção de formar espíritos e adeptos dos valores cristãos e de seus templos e santos.

Na Renascença foram agregados valores e símbolos aos monumentos da cultura clássica enquanto marcos históricos e artísticos reforçados pelo humanismo nascente.

Para alguns estudiosos o patrimônio moderno pode ter origens no *Antiquariado*, cuja a prática existe até os dias atuais, na forma de colecionadores de antiguidades, que, em algumas vezes, acabam constituindo-se em museus privados.

Foi no contexto da Revolução Francesa de 1789 que se iniciou o moderno conceito de patrimônio e também de museu. A ideia fomentada pelo Estado Nacional Francês buscava fazer com que cidadãos compartilhassem a mesma origem, língua, cultura e o território. Daí a importância das instituições educacionais como a escola e o museu, no sentido de fomentar o sentimento de pertencimento à mesma nação no contexto do Iluminismo.

O que antes era tido como bens da nobreza passava agora a se constituir em bens do Estado Nacional e cabia a esse a sua preservação, no sentido de contribuir para a criação e invenção de uma memória que se queria nacional.

Em relação à questão dos museus, é necessário dizer que o patrimônio pode estar representado em diversos lugares, mas é no museu que ele encontra um local fundamental para ser exibido.

Os museus, herdeiros do ato de colecionar, possuem uma relação muito próxima com a arqueologia, uma vez que essa disciplina nasceu no interior dessas instituições e tiveram, inclusive, uma origem comum: os saques e as pilhagens que acabaram fomentando a formação de grandes coleções que, depois de longos processos históricos, acabaram se institucionalizando e chegaram até nós.

No Brasil, os museus arqueológicos, apesar de numerosos, ainda são pouco conhecidos, mesmo levando em consideração que os primeiros museus criados em nosso país ainda no século 19 (Museu Nacional, Museu Goeldi e Paulista) possuíam importantes coleções arqueológicas, porém, em um contexto de museus de História Natural, tendo as pesquisas das coleções de zoologia, botânica e geologia uma supremacia em termos de pesquisas no território nacional.



*Atividades educativas
com a comunidade
São Remo realizadas
no laboratório de
arqueologia do MAE-USP.
São Paulo, 2014.*

Foto: Acervo MAE-USP



Poderíamos discorrer a respeito desse desconhecimento, mas o fato é que devemos enaltecer o importante trabalho educativo que os museus com acervos arqueológicos vêm implementando atualmente em várias instituições museológicas, especialmente naquelas vinculadas às universidades de nosso país.

Além do atendimento cotidiano das escolas e de outras categorias de público a partir de diferentes projetos e programas educativos, os museus vêm estabelecendo relações muito profícuas, até mesmo com comunidades de seu entorno, por meio de projetos com preocupações inclusivas e colaborativas.

Nesse sentido, a arqueologia vem se aproximando de diferentes contextos, comunidades, e de programas de Educação Patrimonial vinculados às obras de grande impacto ambiental que ocorrem atualmente no Brasil.

A grande questão a ser discutida por esses programas e pelos museus de arqueologia passa por questões do tipo: O que deve ser preservado? Como? Por que e para quem? Afinal, estamos discutindo temas relacionados à memória e à identidade de nossa população.

Em um contexto frenético de arqueologia preventiva ou de contrato a arqueologia vem sendo lembrada, referenciada e acaba se estabelecendo uma relação com comunidades as mais variadas possíveis. Nesse sentido, a educação e os processos educativos são fundamentais, pois eles terão a primazia de envolver toda a equipe e as comunidades numa missão conjunta de preservação, conscientização e exercício de cidadania.

Tudo isso depende, em primeiro lugar, da democratização do conhecimento arqueológico e os museus de arqueologia podem se constituir num caminho profícuo para a necessária socialização e construção coletiva desse conhecimento.

A arqueologia é uma atividade que desperta muito interesse e o patrimônio arqueológico exerce grande atração junto ao público. Essa atração, quando bem conduzida pela educação, pode gerar processos muito participativos.

Para tanto, arqueólogos devem olhar a educação como uma forte aliada e os educadores devem ter na arqueologia um campo de pesquisa incomensurável na árdua missão de transformar a todos em defensores desse imenso patrimônio.